



A BUSCA PELA INCLUSÃO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: FATORES, CAUSAS E CONSEQUÊNCIAS

Joelma Rejane dos Santos Nascimento de Miranda ¹
Marcos dos Santos Nascimento ²
Esmênia Soares Costa Barreto ³

RESUMO

O objetivo deste trabalho é tentar entender porque alguns alunos da Escola Municipal X chegam ao quinto ano sem saber ler e escrever e, para responder essa pergunta utilizamos da observação e ajuda bibliográfica de diversos teóricos que estudam o assunto. Analisamos a prática docente e o funcionamento da escola por um período de três meses (fevereiro a maio de 2019). Observamos ao longo dos meses a angústia gerada nesses profissionais, que além de preparar seu planejamento escolar, precisam lidar com várias críticas e cobranças. Percebemos que por muitas vezes os professores não conseguem cumprir as metas de tantos projetos lançados por seus superiores, causando frustrações para o educador. Por sua vez, o aluno também fica perdido em meio a tantas informações, tudo passado de forma muito rápida pelos professores para cumprir metas e alimentar o sistema todos os dias, e por muita vez o que é estudado em sala de aula é apenas uma pequena pincelada, pois o educador tem que driblar as dificuldades para terminar o ano com duzentos dias letivos exigidos pelos órgãos responsáveis. Nessa busca em sanar o que se é pedido, o conteúdo não é estudado adequadamente e de fato quem perde é o aluno, que estuda apenas para alcançar a meta de passar de ano, e a verdadeira aprendizagem não é semeada e colhida seus frutos de forma apropriada, assim, infelizmente esse aluno vitimado por esse sistema opressor e excludente vai para o Ensino fundamental II com a leitura e escrita desfasadas.

Palavras-chave: Prática Docente, Planejamento escolar, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Através de experiências vivenciadas junto a professores e alunos em sala de aula, este trabalho tem por objetivo analisar por que alguns alunos de uma Escola Municipal X chegam ao quinto ano com dificuldades na leitura e escrita, sendo de extrema importância em todas as faixas etárias e principalmente nesta em que o aluno encontra-se numa fase de transição, ou seja, saindo do ensino fundamental I para o ensino fundamental II.

¹ Mestranda em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - PPGECM/UEPB, joelmarejane.cg@gmail.com;

² Mestrando em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba - PPGECM/UEPB, marcosantos22pc@hotmail.com;

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba –UEPB, esmenia11@hotmail.com.



De acordo com Oliveira, (2002, p.57), precisamos levar em consideração o meio e o contexto social que esse indivíduo se encontra inserido, ou seja, a interferência histórica que age diretamente com o meio cultural, social direta e indiretamente com o mesmo. Então, para esse autor o indivíduo aprende de acordo com a interação e a mediação, seja pela família, seja pela escola, ou qualquer outro meio ao qual faça parte.

Entendemos também que é uma fase [...] é um processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas. É um processo que se diferencia dos fatores inatos (a capacidade de digestão, por exemplo, que já nasce com o indivíduo) e dos processos de maturação do organismo, independentes da informação do ambiente. Em Vygotsky, justamente por sua ênfase nos processos sócio históricos, a ideia de aprendizado inclui a interdependência dos indivíduos envolvidos no processo. O termo que ele utiliza em russo (obuchenie) significa algo como “processo de ensino aprendizagem”, incluindo sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas (OLIVEIRA, 2002, p.57)

Então, de acordo com o autor citado acima essa aprendizagem precisa ser significativa, ou seja, precisa ter sentido, saber o porquê de ele precisar dessa aprendizagem, ao contrário disso esse saber passa a ser desinteressante para esse aluno, um exemplo disso é que ele só tinha um professor/professora ministrando seis disciplinas, passando a ter sete ou mais e como sabemos cada educador tem sua didática diferenciada e isso acarreta ansiedade, desespero e angústia nesse aluno, e por muitas vezes ele não consegue avançar. Portanto, essa transição vai ser muito mais difícil se esse aluno chegar ao sexto ano sem saber ler e escrever. A seguir, são demonstrados alguns dados que endossam essa situação estudada.

DESENVOLVIMENTO:

Através de estudos realizados, observamos que no Brasil ainda existe uma grande porcentagem de alunos e alunas que chegam ao quinto ano sem saber ler e escrever. Na região Nordeste, segundo dados dos Indicadores do Censo Escolar do Ministério da Educação (MEC) em 2007, esse número é ainda maior, sendo uma realidade comum a muitas crianças e adolescentes que chegam até o 5º ano do ensino fundamental I com sérios problemas e dificuldades na leitura e escrita. Nos dias atuais o problema está se agravando, já que o aluno estuda só para passar de ano e futuramente conseguir uma colocação no meio empregatício, já que uma das exigências é ter um certificado para provar sua “qualificação”.

Em 2011, vimos que no resultado da Prova Brasil, a Paraíba obteve resultados preocupantes, visto que apenas 23% dos alunos tiveram aprendizado adequado na leitura e interpretação textual e isso é um motivo de grande preocupação. Participaram da avaliação



35.646 estudantes, dos quais apenas 4% conseguiram um desempenho avançado, superando as expectativas, outros 31% tiveram aprendizado insuficiente. Já em 2017, observou-se uma melhora nas notas dos alunos do quinto ano, conseguindo alcançar a média 4 no coeficiente.

Muitos desses problemas começam em casa porque o aluno não tem incentivo e acompanhamento dos pais ou familiares responsáveis. Percebe-se também que infelizmente muitos educadores do ensino fundamental não tem o hábito de ler, e os alunos precisam deste estímulo tanto na escola como em casa. Procuramos também compreender os fatores que corroboram para que um número expressivo de alunos chegue ao 5º ano do Ensino Fundamental I sem terem apropriado dos requisitos mínimos que exigem a leitura e a escrita.

Dessa forma, delineou-se o problema da pesquisa: quais são os motivos que justificam as falhas existentes na alfabetização e letramento? Porque o processo não ocorre simultaneamente para que haja uma efetivação mais rápida na aquisição do saber? Os métodos utilizados são realmente eficazes ou necessitam de uma nova abordagem? Então, a partir de pressupostos teóricos que vamos abordar ao discorrer desse trabalho, discutiremos a importância do ensino e aprendizagem na primeira infância já que é um período que trata do desenvolvimento da mesma. Discutiremos também, as fases que passam para adquirir capacidades fundamentais para o desenvolvimento de habilidades que impactarão na vida adulta.

A educação infantil é uma das grandes responsáveis pelas primeiras aprendizagens, pelo desenvolvimento do potencial do infante, seja cognitivo, seja psicomotor ou sócio emocional. É através de uma boa educação infantil que as portas se abrem para a vida acadêmica. Neste sentido, pais e educadores precisam caminhar juntos diante das estratégias de desenvolvimento e de aprendizagem para tornar estes processos verdadeiramente eficazes.

No Brasil, a educação infantil é direito de toda criança desde nascimento até os cinco anos de idade, e é obrigatória para as crianças de 4 e 5 anos. Todavia, a escola precisa ser um lugar que as motive e as atraia, para que possam nela permanecer e se desenvolver (BRASIL, 2011).

A leitura e a escrita são imprescindíveis a uma criança no seu processo de alfabetização, porém, por diversos fatores nem sempre todas conseguem chegar ao último ano do ensino fundamental I (5º ano) com habilidades para ler e escrever sem a supervisão de um adulto.

Segundo Cagliari (1995), “a leitura é uma atividade de assimilação de conhecimentos, de interiorização, de reflexão, um processo de descoberta”. É a extensão da escola na vida das pessoas. Assim, é importante e claro que a leitura e a escrita sejam atividades primordiais



dentro do ambiente escolar, além do mais precisamos compreender o que se pretende alcançar e que o aluno não seja apenas decodificador de signos linguísticos, pois o que se deseja de fato é que ele tenha uma aprendizagem concreta.

Na sala de aula, o professor deve estar atento e disposto a descobrir junto a seus alunos, diversas formas de tornar o momento da aprendizagem divertido e inclusivo, de modo a combater às dificuldades individuais, evitando o risco de negligenciá-las pela ausência de orientação profissional. Assim, torna-se constante o desafio para os professores da educação básica, sobretudo ainda mais dessa faixa etária que o aluno está numa fase de transição saindo do fundamental I para o fundamental II.

Dessa forma observamos que a leitura é um ato de grande importância para a aprendizagem do ser humano, quanto mais cedo iniciar esse hábito, mas a criança desenvolve sua mente e amadurece suas reflexões, uma criança que não sabe ler não há como escrever corretamente, já que a leitura é tida como fundamental instrumento de avaliação, constituindo-se como um sistema figurativo e fundamental para mediar sujeito e objeto e assim, conseqüentemente acontecerá a aprendizagem.

Diante das concepções apresentadas examinamos a importância da escrita e leitura no processo de ensino e aprendizagem de alunos e alunas do 5º ano do ensino fundamental I da Escola X, em busca de identificar o porquê dessa aprendizagem não estar ocorrendo e o porquê de chegarem a esse nível de ensino sem o sucesso almejado. Até que ponto a falta de aprendizagem implica na acessibilidade e garantia dos direitos de um cidadão na sociedade e na resignação de sua desfavorável situação como aluno que chega ao quinto ano sem saber ler e escrever.

JUSTIFICATIVA:

A escolha desse problema a ser investigado foi pensada após ouvir vários relatos de professores sobre a aprendizagem dos seus alunos, como também das dificuldades que eles enfrentam devido esse problema, uma professora mencionou que muitos alunos do 5º ano não sabem ler e escrever corretamente e isso nos deixou curiosos para saber o porquê disso estar ocorrendo, pois essa angústia também afeta os profissionais da educação, que se sentem constrangidos por não terem conseguido levar o seu aluno ao sucesso esperado.

Outro motivo que fez interessar pela escolha desse estudo foi pela razão de trabalharmos em escola pública há muitos anos, e por vivenciar o cotidiano escolar da instituição pública municipal no ensino fundamental I, sentimos assim a necessidade de



aprender mais e buscar formas de inclusão desses alunos, suas dificuldades na aprendizagem do ensino fundamental que vai do primeiro ao quinto ano.

METODOLOGIA

Para o embasamento dessa pesquisa tomamos por base os pressupostos teóricos que nos dará suporte para tal investigação, também utilizamos de outros aportes, como: internet, livros, revistas e outros. Buscamos identificar a importância da aprendizagem no ensino fundamental I, dando ênfase às práticas educativas a respeito da leitura e da escrita. Por entender que, por diversos motivos alguns alunos não chegam à compreensão dos conteúdos expostos em sala de aula, é preciso que se faça o uso de metodologias diferenciadas de forma inclusiva, que leve os alunos a despertar o gosto pelas aulas, tornando uma aprendizagem mais significativa. Traremos a seguir, referências teóricas, utilizadas para o embasamento da nossa pesquisa.

REFERENCIAL TEÓRICO

A partir das contribuições teóricas estudadas até o presente momento, considera-se que toda forma e aprendizagem é precisa para o desenvolvimento psicossocial do indivíduo, trazendo, progressos na capacidade de raciocínio, de criatividade, de leitura, de escrita e de entendimento do eu em relação ao mundo. Como argumenta Vygotsky (1999), Teóricos da psicologia do desenvolvimento (PIAGET, 1997; 1998; VYGOTSKY, 2001) enfatizam a importância da escola para o desenvolvimento da criança desde os primeiros anos de vida, considerando a riqueza das inúmeras experiências vivenciadas no contexto educativo.

Portanto, faz-se necessário destacar que o desenvolvimento da criança, segundo Piaget (2003), só ocorrerá de forma satisfatória se o ambiente escolar não for cansativo, ou seja, exaustivo e não pôr no aluno o medo, advindo de ameaças que se ele não fizer isso ou aquilo irá ser reprovado, nós educadores precisamos mostrar a importância da aprendizagem através de exemplos concretos, desta forma, é necessário estabelecer uma prática pedagógica que envolva afetividade, confiança, inclusão, respeito entre ambas, avaliando as condições de realização para atividades e rever antigas práticas, que por muitas vezes se apresentam ineficazes e não possibilita a todos os alunos uma aprendizagem desejada tanto no âmbito escolar como familiar.



Assim, é preciso envolver os alunos em atividades as quais eles encontrem prazer, sabendo que para a criança o conhecimento não se dá a partir da interação direta sujeito-objeto, essa interação é, em essência, mediada pelo meio social, pois, o homem transformando a natureza, transforma-se a si mesmo. O desenvolvimento do indivíduo é um resultado de um processo sócio histórico, onde é enfatizado o papel daqueles que fazem parte desse desenvolvimento. O processo de formação do desenvolvimento de uma criança compreende-se de dois níveis, onde o primeiro é o nível de desenvolvimento real, um conjunto de atividade que a criança consegue resolver sozinha. Esse nível é indicativo de ciclos de desenvolvimento já completos, isto é, refere-se às funções psicológicas que a criança já construiu até determinado momento.

Chateau (1987) diz que, o brincar constitui-se em um mundo à parte que não tem mais lugar no mundo dos adultos, porque seria outro mundo, outro universo, sendo através do brincar que a criança afirma seu ser e constrói sua autonomia o que lhe permitirá, também, a construção da sua aprendizagem. Assim como o brinquedo proporciona a liberdade para a criança da educação infantil e estimula a imaginação e a criatividade, permitindo que a criança reproduza aspectos do seu cotidiano, de sua realidade, favorecendo assim, uma vivência do real a partir do imaginário. Comparando assim, a criança, o brinquedo e o aluno maior, compreende-se que ele precisa de autonomia e de alguém que acredite no seu potencial que seja um mediador entre o mundo que ele vive e a convivência escolar.

Percebemos que a falta de recursos didáticos pode atrapalhar na hora da aprendizagem, já que por muitas vezes a escola não oferece aos professores nem pincel para escrever no quadro, e aqueles alunos que não conseguem acompanhar o professor ditando as palavras já vão ficando atrasados e de certa forma, excluídos.

De acordo com Souza (2007, p. 111), “recurso didático é todo material utilizado como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor a seus alunos”. Assim compreendemos que os recursos didáticos são uma diversidade de materiais e métodos pedagógicos que são utilizados como suporte experimental no desenvolvimento das aulas e na organização do processo de ensino e de aprendizagem, eles servem como objetos de motivação do interesse e inclusão para os educandos. Mas, também observamos que não é só a falta de instrumentos que leva o aluno ao fracasso escolar e sim uma gama de outros fatores, como a falta de incentivo dos familiares, falta de material escolar do aluno que não leva se quer um lápis grafite para a sala de aula, as vezes até pelos pais não terem condições financeiras favoráveis para suprir a compra do seu material escolar, outros reclamam que não



conseguem acompanhar a aula por terem saído de casa sem a refeição adequada, entre outros fatores, mas o que escutamos é que a culpa desse fracasso é sempre do professor.

Para os autores CUNHA, ARRUDA e LOPES (2009, p. 100) a ludicidade contribui em diferentes aspectos no desenvolvimento infantil, sobre tudo no ensino e aprendizagem. Já para o aluno do ensino fundamental I é considerado eficaz citar exemplos para fixar a ideia com maior facilidade, só as palavras não fazem com que esse indivíduo assimile o conteúdo, mas sim que decore e mais tarde venha a esquecer. Podemos assim perceber por muitas vezes que nos dias atuais, infelizmente o que importa mesmo são as fotos do que o professor faz na sala de aula, para expor nas redes sociais e alguém ser promovido por fazer um excelente trabalho, não se importando com a pressão psicológica que o professor esteja passando, nem aparece uma ajuda significativa, mas sim quem puxe o tapete na competição de quem vai fazer o trabalho mais bonito para a parecer na foto, sem se preocupar com o verdadeiro sentido da educação e inclusão daqueles alunos que mais necessitam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim concluímos por meio desse estudo que a culpa do aluno chegar ao quinto ano sem saber ler e escrever, não é exclusividade da escola e nem dele próprio, mas sim de vários fatores que envolvem o meio social no qual a criança está inserida, tais como, a falta de apoio familiar e muitas das vezes até a falta de alimentação adequada. Também observamos que o problema começa desde a educação infantil, já que os responsáveis pela educação do município não dão a devida importância a essa modalidade que seria o alicerce de toda vida acadêmica deste sujeito. Os educadores alfabetizadores dos anos iniciais também podem ser vitimados pelo sistema de ensino-aprendizagem, já que são por vezes sobrecarregados de cobranças e críticas que podem desmotivá-los e bloqueá-los e assim comprometer o seu desempenho profissional.

O professor é o responsável por estimular a leitura e a escrita a seus alunos, como também o incentivo pela leitura, para que assim o aluno possa progredir de forma significativa. Assim, através dessas observações e vivências na docência pudemos perceber e sentir as cobranças, as críticas e até mesmo a intromissão indevida de terceiros na conduta, autonomia e exercício do professor em sala de aula, o levando a ficar doente e não sentir prazer em exercer o seu papel de construtor do saber. Essa foi a percepção que conseguimos chegar à pequena investigação e experiência vivenciada no convívio na escola X. No entanto,



com o desenvolvimento deste estudo, esperamos que o mesmo venha a contribuir e servir de apoio para outros estagiários que virão, como forma de embasamento e reflexão da prática docente.

REFERÊNCIAS

- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- CHÂTEAU, J. **A criança e o jogo**. São Paulo: Summus, 1987. Tradução de G. de Almeida.
- CORSARO, W. A. Reprodução interpretativa e cultura de pares. In: MULLER, F; CARVALHO, A.M.A. (org). **Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro**. São Paulo: Cortez, 2009.
- LOUREIRO, A.C. Educação Infantil: de onde veio... para onde pode ir. In: SANCHEZ, S. **Políticas Públicas e Formação de Professor**. Olinda/ PE: Livro Rápido, 2010.
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: **aprendizado e desenvolvimento, um processo sóciohistórico**. São Paulo: Scipione, 2002.
- PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**, 3ed. Rio de Janeiro: Forense, 1975.
- PIAGET, J. **O Julgamento Moral na Criança**. São Paulo: Editora MestreJou, 1977.
- TARGINO, Magnólia de Lima Sousa. **Psicologia da Aprendizagem- Licenciatura em Letras- Português**. / Magnólia de Lima Sousa Targino. /Pró- reitoria de ensino médio técnico e educação a distância- Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- TEBEROSKY, A. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. / Ana Teberosky e Teresa Colomer; trad. Ana Maria Neto Machado – Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**, São Paulo: Martins Fontes, 1999.